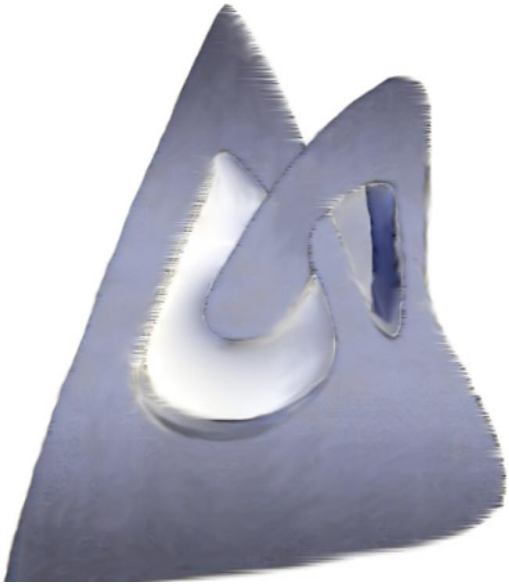
Vendedor de ilusões

Chico Jurubeba prefeito por acaso

Rogério Pereira



Em homenagem a Maria da Mata;
Uma velha parteira que me contou
muitas estórias.

Sumário

Impedindo que Chico continuasse a falar, o coronel respondeu 8
Com um bruto murro, a mesa pagou o pato.....39
A noite de quinta-feira.....43
Pena, com muita precisão, fez um minucioso relato, tintim por tintim. Enquanto falava, todos prestavam atenção.....43
O guarda-livros leu o escrito e, com voz acentuada, finalizou 49
Uma preocupação que a cada dia crescia mais ...49
Nem tudo estava perdido.....50
Chico passou a mão nos olhos e disse 53
Chico estava confiante 56
Chico, voltando-se para o insolente espectador, disse 62
O vinho corria frouxo.....68
Antes a quimera, à sina do castanheiro.....69
Campanha: um ritmo difícil de acompanhar.....76
O Coronel coçou a barba avermelhada, meditou e disse 81
Zé Falador botou mais lenha na coivara.....89
A caminhada parou naquela comunidade 91
A volta foi bastante comentada. O Coronel não se cansava de se questionar.....92
A tarde estava com um tom de violeta escuro, aquele crepúsculo era diferente dos demais.....97
Novamente o sermão.....100
Chico Jurubeba se encontra com o padre e fala de seus planos.....106

Foi a vez do último se apresentar. O povo estava gostando da reunião 121
Momentos depois 128
O homem tinha pauta com o demônio: ninguém queria saber dele 133
Chico esperou, um pouco mais, e recomeçou a fala 150
Pena Forte esfregava as mãos, e dizia para si mesmo 164
Chico Jurubeba vai à comunidade do Pinauara. 172
Uma semana depois, na casa do Coronel..... 176
O livro! Lá está escrito! — Pensou Chico 180
Um "boca de ferro", que não parava de tocar ... 183
A resposta veio no terceiro dia..... 188
Desapareceram na planície, deixando, para trás, uma intensa nuvem de pó 220
O velho de cabelos grisalhos continuava no mesmo lugar, não se mexia e nem dizia nada ... 230
Outra pausa. Olhou ao redor, como quem procura algo, sem grande utilidade, e prosseguiu 243
Enquanto isso, na casa do Coronel Tibúrcio..... 250
Uma semana depois 254
O padre ia falar, mas o prefeito tomou a frente. 263
Dias depois, no gabinete do prefeito 267
Uma semana depois, os avisos chegam às comunidades 269
Momentos depois, no bar Tubarão..... 276
Dias depois numa comunidade próxima à cidade 279
Chico encaminhou-se para a tribuna 284

Numa cidade da região Guajarina, existia um cidadão conhecido por Chico Jurubeba. Era um sujeito simples, mas benquisto. Para viver, vendia ervas medicinais: raízes, folhas, sementes, resinas, óleo e outras coisas mais. Certo dia, Chico Jurubeba foi abordado pelo compadre, coronel Tibúrcio, que era candidato a prefeito do Município onde o Chico morava.

— Compadre Chico! — Falou o Coronel com voz afinada e compassada.

Com a mão no ombro do compadre, o Coronel continuou o falatório, metralhando Chico Jurubeba com uma saraivada de perguntas. Chico, que acabara de atender um freguês, sem entender muita coisa que o compadre estava falando, piscou um olho, abriu o outro, deu uma cuspida no chão, olhou para um lado, para o outro e, voltando o olhar ao compadre, disse:

— Você tá doido, homem? Eu não quero nada e quero muita coisa: quero que você trabalhe por todos nós! Trabalhe, trabalhe e trabalhe!

Impedindo que Chico continuasse a falar, o coronel respondeu

— Meu, dileto, compadre, eu estou lhe fazendo um convite! Quero que você faça parte da minha turma de trabalho. O senhor é um homem inteligente, sabe o que diz, sabe o que faz, pisa no chão devagar, não é assanhado, tem prestígio... É querido por todos!
— Não sei, não, compadre. Eu não tenho jeito pra, essas coisas. — Falou Chico, mostrando perturbação na voz.
— Pense bem, compadre! A manhã, à noite, vai ter uma reunião na minha casa, digo, nossa casa. O senhor está convidado para fazer parte da conversa. Certo, meu compadre?

Sem que o compadre Chico tivesse tempo de responder, o Coronel concluiu:

— Vou esperá-lo, não falte! Até amanhã.

Chico olhou desconfiado e se perguntou:

— Que estória é essa de candidatura? O compadre nunca tinha falado destas coisas comigo! Será que ele quer que eu seja o seu

vice? O que ele quis dizer com “participar da minha turma?” — Chico pensava em voz baixa. A conversa o deixou pensativo e cheio de interrogações.

Passava de sete horas da noite e os vaga-lumes, de forma desordenada, riscavam a escuridão. O solitário latido de um cão, chamando sua cadela, deixava no ar, com seu uivo, o som angustiante de quem procura companhia. Quase ninguém caminhava pelas ruas desertas da cidade. Chico peregrinava — de chapéu de palhas e mãos dentro dos bolsos, da calça de linho cru —, mantendo o seu costumeiro hábito. Dirigiu-se, nessa noite, rumo à casa de seu compadre, Tibúrcio, e bateu à porta: toc, toc.

— Menino, vá abrir a porta e veja quem está batendo. Se for o compadre, Chico, mande entrar.
— Sente-se compadre! — Falou o dono da casa, com ar de cordialidade.

Chico tomou lugar numa cadeira, de costas para a janela, que dava para a varanda.

— Tissa, traga uma xícara de café para o compadre.

O Coronel caminhava de um lado para o outro da sala — que estava mal iluminada —, ao mesmo tempo em que deixava escapar um ar de preocupação. Não passou um quarto de hora e os outros convidados deram entrada à casa, pedindo desculpas pelo atraso e alegando que a causa da demora foi um "proseamento" no boteco do Luiz Medeiros.

— Não tem problema. — Falou o Coronel, em tom de discordância e voz grave.

Sem agressividade, o Coronel fez a sua colocação e, com a voz mais grave ainda, falou fitando um a um:

— Meus amigos, a eleição está se aproximando e temos que nos organizar. O outro lado já está cantarolando por aí. Essa semana estive na Capital. O deputado, nosso amigo, Garibaldo, quer vir aqui para fazer uma visita. Ele quer conhecer os novos membros do grupo.

Silêncio. Ninguém falava. A sala parecia vazia, como se não tivesse doze pessoas sentadas ao redor daquela mesa. Um olhava para o outro, mas ninguém se atrevia a murmurar uma palavra. Sem entender muito

sobre o que estava acontecendo, Chico quebrou o silêncio e falou:

— Bem, meu compadre, eu aceito ser o seu vice.
— Vice? Que vice? — Espantou-se Casca Dura.
— O q… q… quê? — Perguntou uma voz gaga, do outro lado da mesa.

Chico repetiu:

— Sim! Vice do compadre!

Um fala-fala, infernal, se estabeleceu:

— Isso não pode! — Dizia um.
— Eu fui traído! — Falava outro.
— Vou me retirar — Contestou um magricela, bem vestido, próximo a Chico.
— Silêêênnnciooo! — Bateu na mesa, o velho Tibúrcio e, com voz decidida, continuou a reunião, dizendo:
— Meus amigos, estamos aqui, tão somente para nos entendermos, e não para formarmos confusão!

Estevão entrou na conversa:

— Ora, meu compadre, quem está fazendo confusão é o Chico, já que ele pretende ser

seu vice. Mas seu vice, por direito, sou eu! — Exclamou Casca Dura.

Outra vozearia se instala. Ninguém se entendia. Uma pancada na mesa, e tudo voltou ao normal.

— Meu compadre, com todo o respeito, não é hora de falar na minha chapa!
— Mas, compadre, ficou acertado que o seu vice, na próxima eleição, serei eu! — Exclamou Casca Dura.
— Não! O vice do Compadre, nesse pleito, serei eu. — Falou Zé Caneco, com tom de voz arrogante.
— Você, nada, Zé Caneco! Você não tem gabarito "nium"! — Outro baque à mesa e a situação, que parecia tensa, voltou a se acalmar.
— Posso prosseguir? — Falou o Coronel, com voz autoritária.
— Claro! — Responderam todos.

Em seguida, o Coronel chamou o seu escriturário e pediu que trouxesse o livro grande, de capa preta. Ao receber o bendito livro, mandou que o guarda-livros o lesse:

— O partido PXC concorrerá, nas eleições do ano de l955, com os seguintes pretendentes: para Prefeito, José Tibúrcio da Silva e, para

Vice-Prefeito, Francisco Alencar. Às vagas de Vereadores, a nossa, inconteste, chapa terá os seguintes candidatos: José Aires Caneco, Estevão Borges da Casca Dura, Vicente Pinto, Raimundo Santana Filho, Francisco Souza da Costa, Mirlano de Andrade, Manoel Teixeira, Raimundo Pena Forte, Diogo Forte, Carlos Augusto Sobrinho, Israel Tempero Aguiar, Maximiano Tomé de Souza Carvalho, Justino Cabral Pontes e Mirlenildo Farias.

— Terminada a leitura, seu Tibúrcio. — Falou o guarda-livros.
— Muito bem! Retire o nome do Mirlenildo e ponha o nome do compadre Francisco Jurubeba. Ele será o substituto do Brasa.
— Alguém está contra? — Perguntou o velho.
— Seu Tibúrcio, o Mirlenildo não vai gostar da alteração! — Falou o escriturário.
— Qual nada, sô! Ele vai ser o meu secretário particular. Vai ficar sempre encaixado, certo?
— Certo! — Responderam todos.
— Com a palavra, o mais novo integrante do grupo: o meu compadre, Chico. Fala Chico! — Ordenou o coronel Tibúrcio.

Chico ficou de pé, olhando para todos e, com voz embaraçada, começou a sua fala:

— Meu nobre compadre, Tibúrcio! Seu Estevão, caro Caneco e demais amigos aqui presentes, boa noite!
— Boa noite! — Falaram todos.
— Meus amigos, ao ser convidado pelo compadre para fazer parte da sua chapa, eu pensava que, fazer parte de uma chapa, era ser candidato à vice — o que constrangeu alguns dos presentes. Então, aproveitando a oportunidade, peço desculpas a todos pelo acanhamento. Para mim, é motivo de muita honra ter o meu nome lembrado pelo compadre e aceito por todos. Quero dizer que estou de pleno acordo com o que foi discutido nesta noite e que tudo farei para corresponder nessa nova empreitada. Não tenho muito para gastar, mas tenho boa vontade e disposição para procurar votos, por aí afora. Muito obrigado.

Muitas palmas. Os convivas do Coronel estavam surpresos com a língua solta do Chico.

— Falou muito bem! Pouco, mas certo. Para homenagear o novato e falante candidato, coloco duas arrobas de tabaco à disposição dele, para ajudá-lo em sua campanha eleitoral. — Disse Estevão Borges da Casca Dura.

— Obrigado, amigo Casca Dura, eu vou precisar muito da ajuda de vocês. — Falou, entusiasmado, Chico.
— Começou muito bem! — Resmungou Raimundo Santana Filho, com voz de desdém, sendo repreendido pelo Coronel.
— Nada de desdém, meu caro Santana Filho. Não quero desunião: um por todos, todos por nós!
— Por um. — Corrigiu o guarda-livros.
— Sim, seja lá como for, eu quero todos unidos. — Finalizou o coronel.
— Seu Tibúrcio, e a questão do Quiandeua, como é que vai ficar? — Perguntou o guarda-livros, cochichando no ouvido do Coronel.
— Não se preocupe. A turma de lá está com a gente.
— Será mesmo? Não tenho tanta certeza assim. Não é isto que eu estou sabendo. — Falou Vicente Pinto.
— O que é que você está sabendo, homem? Diga!
— O Jajá está com dança de rato.
— Que negócio é esse de dança de rato? — Irritou-se o Coronel.
— É que ele está negociando com o tal do Zeca Lema, o responsável pela campanha do Peneira, lá no Quiandeua. Isso vai contrariar o Senhor, ou não vai?
— Claro que vai! Aliás, já estou contrariado! Esse peste não pode estar fazendo isso

comigo. Pena Forte, eu quero que você viaje, amanhã, para o Quiandeua e me traga esse assunto resolvido, de vez. Diga ao Peixoto, no Cajueiro, que você está sobre às minhas ordens. Escolha cinco homens e mais oito remadores.

O relógio de pêndulo, banhado a ouro — importado da Suíça —, deu doze badaladas e a reunião foi encerrada.

— Vamos à maré da noite, assim viajaremos mais à vontade. — Falou, Pena Forte, aos homens que formavam a sua comitiva.

Pena Forte deu outras ordens a mais dois homens e, às 10h da noite eles estavam dentro do batelão de 50 palmos de comprimento e 12 de largura. Os quatros remadores bracejavam os remos, sacudindo o batelão para frente. Tragando um cigarro fechado com papel de embrulho, Pena Forte pilotava a embarcação, feita de madeira da região. Essa é uma viagem que demora mais de um mês — mesmo contando com a força do vento —, mas, em poucos dias, já teria que dar explicações.

Sete horas da manhã, do quinto dia, um pano branco acenava de forma trepidante rumo à canoa.

— Veja, Pena, alguém está chamando! — Falou um dos remadores, apontando com o dedão da mão direita.
— Vamos lá. — Resmungou Pena Forte, franzindo o couro da testa, criando uma lombada entre os olhos de gavião real.
— O quê você quer, menino? — Interrogou Pena, com voz de desprezo.
— É o padinho! É ele que está chamando. — Respondeu o menino, com voz melancólica. Pena Forte amarrou o batelão no tronco da seringueira e, com as suas botas de couro cru, caminhou em direção à casa de pátio grande, rodeada de plantas floridas e perfumadas.
— Entre, meu amigo, Pena! Há quanto tempo que eu não lhe via! O que você está fazendo por estas bandas?

A voz do homem, baixo e de pele branca, que aparentava ter boa saúde, inspirava cautela. Pena Forte procurou esconder a sua pressa. Sabia que, quanto mais quieto, melhor seria para lutar com aquela "cobra velha". Ele tinha, mesmo, que ficar na retaguarda, esperando o momento oportuno para dar o bote certeiro.

— É, meu amigo, Pena! Você por aqui, novamente!

"Aqui, novamente" soava mal aos ouvidos de Pena Forte, que não queria confusão.

— Que nada, Capitão! — Fez-se de desentendido.
— Claro, Pena! Eu quero mesmo é falar do Tibúrcio. Como vai ele?
— Está bem.

Pena Forte respondeu olhando para o quadro de um santo de muletas, pendurado na parede de madeira esfarrapada, cheia de estradas de cupins. Então, pensou:

— Acho que vamos ter que pernoitar aqui. Esse velho, nojento, vai me interrogar e, enquanto eu não vomitar o que ele quer saber, não vai nos soltar, quer dizer, nos deixar ir.

Pena tentou mudar de assunto. No entanto, parecia, até, que o velho lia os seus pensamentos.

— Bem! Como você parece ter pressa, vamos diretamente ao assunto: como estão as coisas por lá?
— Lá por onde, Capitão? — Pena Forte fez-se, mais uma vez, de desentendido. Tal atitude não agradou o velho.

— Você parece que está querendo me engambelar!
— Qual nada, Capitão. É que o senhor me pergunta coisas que eu não sei responder.

Pena Forte estava perdendo a calma e isso não era nada bom. Mas, já que a situação estava tomando esse rumo, o jeito era chegar logo onde o velho queria. Então, Pena Forte resolveu abrir o jogo, de uma vez. Jogou as cartas todas na mesa e pegou o velho desprevenido.

— Seu Tavares, com todo o respeito, mas o senhor me chamou aqui só para perguntar estas bobagens? Se não é, diga logo o que o senhor quer saber, já que eu não estou aparelhado para ficar aqui o tempo todo. Me responda, seu Tavares, me diga o que o senhor quer saber?

Pena Forte sabia que aquela gente, quando tratada de forma bruta, ou saía logo para a briga ou, então, pedia paz, ou seja, ficava calma e atenciosa. O velho, capitão, de patente comprada, foi pego de vez e, com voz menos agressiva e tom mais acentuado, falou calmamente:

— Meu caro, Pena, as coisas por aqui andam muito difíceis e, de uns tempos para cá,

resolvemos cobrar — dos que sobem nesse pedaço de rio —, uma pequena contribuição. — Continuou o velho, aparentando tranquilidade.

Os olhos do Capitão ficaram miúdos e, por trás desse olhar, residia uma perversa e sanguinária maldade. Pareciam querer fuzilar seu insolente interlocutor, cujo destino não seria selado graças ao fato dele ser um emissário do coronel Tibúrcio. Do contrário, seria um homem morto. Pena Forte também sabia disso. A sombra de seu protetor, Coronel, lhe dava ânimo para jogar tão pesado diálogo, que, em outras circunstâncias, poderia ser mortal. O astuto Capitão continuou:

— Como eu dizia, as coisas estão mudadas e eu, juntamente com o compadre João Carvalho, resolvemos montar barreira em nossos portos. Estamos cobrando uma pequena taxa de passagem. Quer dizer: o amigo paga, o amigo passa; o amigo não paga, o amigo não passa.

Pena Forte respirou fundo e, sem mostrar espanto, perguntou de quanto era a tal taxa.

— Cinco mil. — Respondeu o velho, negociante.
— Mas, seu Tavares! O senhor não está achando muito alta esta tal de taxa? — Pena Forte não o chamou pelo nome completo, apenas pelo segundo nome. O velho Júlio gostava.
— Qual nada! É esse o preço.
— Seu Tavares, eu não posso pagar esta quantia… Não trouxe tanto dinheiro comigo.
— Então, faremos um trato: me traga uma encomenda e eu te abonarei a taxa.
— E o que é esta encomenda? — Perguntou Pena Forte, intrigado.
— Duas arrobas de capivara.
— Bem, o senhor não acha muito? — Pena Forte tentou barganhar:
— Uma. Nem mais, nem menos. Não. É pouco. Uma e meia.
— Tá certo. Uma arroba e meia.
— Sem a falta de nenhuma grama!

Pena Forte despediu-se, depois de aceitar um forte aperto de mão.

— Velho, besta, filho de uma égua. Me fazer perder tanto tempo, só para pedir um pouco de carne. — Falou em voz baixa, ao mesmo tempo em que acenava para o velho capitão, já próximo da embarcação.

— O que ele queria? — Perguntou um dos seus remadores.
— Nada! Ou quase nada. — Respondeu Pena Forte, repetindo a mesma frase que tinha pensado:
— Filho de uma égua.

Seu aspecto era de irritação. Embarcou de imediato no batelão.

— Era só o que faltava! — Resmungou Pena Forte.
— Se não bastasse a demora com aquele velho caduco, o vento não está colaborando. Desse jeito, só chegaremos quando as eleições terminarem. — Finalizou Pena, coçando os cabelos encaracolados. Concluiu esbravejando:

— Só espero não ter que me defrontar com outro problema desses.
— Seu Pena, todos que passam por aqui têm mesmo de pagar ao velho, digo, ao capitão Tavares?
— Sim! E, se não pagarem, ele não deixa passar. Se passarem escondidos, quando são pegos, é um Deus nos acuda!
— É mesmo?
— Claro! Isso é um inferno! Eles mandam em tudo! Ele só não engrossou, porque notou que estamos a serviço do coronel Tibúrcio. Dois

bicudos não se beijam. — Respondeu Pena, como quem não pretende levar a conversa adiante.

O caboclo insistiu até que o Pena Forte resolveu contar um "causo", referente ao pagamento da tal permissão.

Uma semana depois, avistaram as casas do Quiandeua. A aldeia estava quase deserta. Um cavalo castanho balançava a calda, tentando afugentar as mutucas, enquanto um porco "focinhudo" tentava acasalar com uma porca pelada. Embaixo de uma mangueira florida, uma mocinha pilava arroz. O socado da mão de pilão vibrava seu pesado som, mata adentro. O calor era terrível, quase insuportável. As palhas de ubim que fechavam a tolda do batelão, de tão estorricadas pareciam querer incendiar-se. A água serena corria rio abaixo, a mão de pilão deixou de estremecer a terra, deixando aquele lugar ainda mais calado. Um capelão cantou distante, procurava sua fêmea e não era correspondido. Os moradores daquela vila, quase que por encanto, tinham desaparecido. Estavam todos em seus roçados. Esta era a vida daquela gente, que só se reunia aos domingos ou nas noites de rezas.

Pena Forte caminhou barranco acima. A ribanceira era alta e empinada, dificultando as passadas de quem queria caminhar depressa, principalmente dos desacostumados, como no caso de Pena Forte, que se dirigia para uma casa com aparência de choupana.

— Não, ali não tem ninguém! — Pensou Pena Forte, desviando o olhar para outra casa, onde, supostamente, morava o Jajá.

Fazia muito tempo que ele tinha vindo àquele lugar, mas era ali que o Jajá morava. Tinha certeza, o pé de caneleira o fez lembrar-se.

— O Jajá está? — Perguntou ao garoto que estava sentado num tamborete, ao lado da janela que dava para a rua — se é que se podia chamar aquilo de rua.

Os raios dourados de sol fizeram os olhos — de cor — do garoto piscar por duas vezes, antes de responder.

— O Jajá está, meu filho? — Perguntou Pena Forte, outra vez, com a voz bem pausada.

O garoto, num gesto negativo, balançou a cabeça. A julgar pela forma com que coçava a cabeça, deveria estar cheia de

piolhos. Pena Forte ia repetir a pergunta, quando uma voz de mulher falou lá de dentro do quarto:

— Quem é que está aí, Januca?

O moleque, levantando-se do tamborete, saiu correndo casa adentro, balançando a pimba. Pena, fez um ar de riso e falou:

— Sou eu! Pena Forte! Estou aqui para falar com o Jajá, ele está?
— Não, ele foi pescar. — A voz parecia cansada.
— E quando ele volta?
— Só na sumana que vem.
— Essa não! — Falou entre dentes. — Era só o que faltava, eu ter que esperar a metade de uma semana.

Olhou em volta do lugarejo: uma ladeira empinada, uns degraus feitos no próprio barro. O trapiche se balançava todo, parecia não suportar peso algum. Meia dúzia de casebres na parte alta e mais uns dois na parte baixa. Uma Capela de Nossa Senhora do Bom Parto, fechada com tábuas de cedro e coberta com cavaco de jarana. Ao lado esquerdo da Capela, um barraco que, certamente, seria o Centro Comunitário. Um

pouco mais ao lado, a escola estava aberta, mas não tinha ninguém.

— Que caboclada preguiçosa! — Pensou Pena Forte. — Nenhum pé de fruta!

Um galo piroca passou por perto, perseguindo uma franga pedrês.

— Que coisa, meu Deus! Como é que a gente se acostuma com esse tipo de vida? Cruz credo! O que a procura de voto não fizer, nada mais se faz.
— Seu Pena Forte! — A voz rouca da mulher pegou Pena desprevenido, assustando-o.
— Professora Matilde! Que prazer em lhe encontrar aqui!
— O prazer é todo meu, seu Pena. O que é que o senhor anda fazendo por aqui? O senhor veio participar da festividade de Nossa Senhora do Bom Parto? — A mulher sabia que não era isso, mas fingia, imaginando o que Pena Forte estava fazendo ali.
— Não... Sim... Foi! Eu vim para a festa.
— A ladainha começa hoje, de noitinha. — Falou a professora, procurando ser gentil.

Pena Forte, com um gesto de cabeça, tentava demonstrar que a entendia, ao mesmo tempo em que procurava colher algumas informações. Ele estava ciente de que aquela

mulher sabia muito sobre a vida de todos. Pousou, delicadamente, a mão no ombro da distinta senhora e, como quem não quer — querendo —, perguntou pelo Jajá.

— O seu Jajá? — Indagou, a mulher, com voz suave e doce.
— Mas em que sentido o senhor quer saber dele? — Interrogou, ela, mostrando-se surpresa.
— Bem, professora, estou aqui para saber umas coisas a respeito do trabalho do nosso amigo. No seu modo de ver, como ele está se saindo na Comunidade?
— Vai levando! — Ela ironizou.
— Como, levando? — A voz de Pena Forte era calma e segura.
— Ah! Sim, entendi! O senhor quer saber com quem está o seu Jajá, no lado da política, não é mesmo? Ao bem da verdade, ele está meio chegado pro lado de lá.
— Não me diga! Que lado? — Pena Forte fez-se de desentendido.
— Ora, seu Pena, não me diga que o senhor ainda não sabe?
— Não sabe? O quê?
— Vem chegando gente, acho melhor mudar de assunto. As pessoas aqui gostam de ouvir tudo. Como se diz na cidade, eles querem ser informados.

Pena Forte olhou para o lado que a professora tinha disfarçado o olhar. Em suas direções, vinham caminhando dois senhores: um mais jovem e o outro aparentando ter uns quarenta anos. Aproximaram-se e foram logo cumprimentando o visitante. O mais idoso não o conhecia; o mais jovem, aparentando ter pressa, pediu licença e se retirou, alegando que ia se reunir com outros jovens para o ensaio da ladainha. O outro, que se chamava Dinailton, trocou algumas palavras com o visitante, despedindo-se em seguida. A professora, com ar de indiferente, piscou para Pena Forte e falou em voz baixa:

— Esse aí é olheiro do Peneira. Sebastião Peneira, o candidato do outro lado.
— Acho que a coisa está esquentando, minha amiga, professora Matilde.
— De certo modo, acho que vai. O Sebastião Peneira está botando muito olheiro aqui. Acho melhor o coronel Tibúrcio tomar mais cuidado. Seu Pena me desculpe, mas tenho que ir. O senhor vai à novena, vai? Depois conversaremos mais, o senhor precisa saber muita coisa. Muitas coisas aconteceram nesta Vila, nos últimos tempos.

— Não se preocupe, professora. Pelo visto, vou passar muitos dias aqui. Vou esperar o Jajá voltar da pescaria.
— Pescaria... Bela pescaria!

As últimas palavras da professora deixaram Pena Forte intrigado. Mas ele estava tomando pé da situação muito rapidamente. Falou com seus botões:

— O coronel que se cuide. Esse Peneira parece não estar para brincadeiras. Um olheiro, eu já descobri, mas quantos olheiros o Peneira tem espalhado nesta ribeira? Isto é trabalho para muitos dias. O coronel vai ter que mandar mais gente para cá, do contrário a vaca vai pro brejo!

O povo repetia a melopeia por tempo indeterminado. Sempre a mesma frase. Um sino badalava sem parar, tocava pela terceira vez. As pessoas chegavam de toda parte — uns a pé, outros de montaria (canoa). Pena estava sentado num lado da capela, rodeado por moradores mais antigos da Comunidade. De repente, uma voz no centro da capela convidava a todos que ficassem de pé e, em seguida, todos rezaram:

— Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos Deus, nosso Senhor, dos nossos inimigos. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.
— Meus irmãos! — Falou o homem, que estava fazendo a vez do celebrante. — A nossa ladainha de hoje não será cantada pelo mestre Agripino. Ele não chegou até agora e, por este motivo, quero convidar a professora Matilde para fazer a oração. Após a celebração, será servido um chocolate. — Continuou o homem.

A professora tomou lugar em frente ao pequeno, mas bem organizado, altar da Capela de Nossa Senhora do Bom Parto, ao mesmo tempo em que era acompanhada por mais cinco pessoas: dois homens, incluindo o dirigente, e mais três moças. Fizeram, primeiramente, um canto de iniciação:

*— Meu Senhor me ensinou a trabalhar, minha mãe, me ensinou a caminhar, me fez nascer, me fez chorar, me amamentou no seio seu, me fez crescer, me fez sonhar e, depois, me fez cr**i**stão, me fez irmão e me ensinou a te adorar. Não sou pagão, não sou ateu, sou filho Teu, quero Te amar, quero Te amar, quero Te amar.*

O canto era acompanhado por todos. Até parecia que ensaiaram, bastante, tão

grande era a afinação. Após o canto inicial, os cinco ajoelharam-se de frente para o altar e um menino segurou a imagem da Virgem, passando sobre as cabeças dos cantores. Em seguida, o povo bateu palmas e os cantores, se levantando, começaram novamente a cantar. Pena Forte não entendia nada, mas, mesmo assim procurava cantar. Um pé aqui, outro ali, o certo é que ele batia palmas.

Silêncio. Era a hora da Sagração à Virgem do Bom Parto:

Oh,Virgem do coração de amor!
Do Teu seio eu vi brotar um Ser vivo onipotente, que perdoa a todos os seus.
Teu perfume é tão suave, que nos faz embriagar no perfume do amor.
Deste amor que faz brotar o desejo de servir, de amar e perdoar.
És pura, Mãe querida, tão formosa, em esplendor.
Do Teu ventre, vi nascer Jesus Cristo, o Salvador.
Veio Cristo, nosso Irmão.

Após os cânticos, acompanhados das orações, o dirigente perguntou se não havia algum aviso a ser dado. O catequista falou aos pais dos meninos da primeira comunhão, que ela seria realizada no último domingo do mês